Depois da Batalha[1]

Carlos Magalhães de Azeredo

[23][2] Basta de matança! Os clarins deram há muito o sinal de retirada. Os exércitos combateram encarniçadamente desde a primeira hora meridiana até o pôr do sol. Era de parte a parte um entusiasmo assombroso, uma fúria sem par.

Milhares de homens, separados em duas hostes adversárias, se encaram com rancor, avançam uns contra outros, faces congestas, olhos chamejantes, espadas rútilas erguidas, baionetas caladas. Urrando como tigres, blasfemando [24], cuspindo ultrajes, abalroam-se, mordem-se, trucidam-se... Ondas de poeira abrasada e sufocante se levantam do solo sob as patas dos cavalos, loucos de horror e cólera, e turbilhonam pelo ar, mesclando-se à fumaça da artilharia, incendiada de momento a momento por um relâmpago vermelho. A terra treme ao peso das carretas arrastadas a toda a brida; vozeria rouca e confusa, ordens de generais, gritos de soldados, gemidos de agonizantes, envolvem numa nuvem de rumores o

---

[1] AZEREDO, Carlos Magalhães de. Depois da Batalha. *In.*____: *Baladas e Fantasias*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900. p. 23-30

[2] Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

troar das peças, e, a espaços, dominando o tumulto, ressoa o clangor das cornetas.

Vítimas aos centos tombam. Os batalhões, ruindo sobre o inimigo como enormes moles compactas, calcam e esmagam corpos mutilados, em que a vida palpitava ainda. Os pés dos combatentes abafam em bocas entreabertas a última queixa, a prece derradeira dos que vão morrer... Cavaleiros, trespassados [25] pelo ferro agudo das lanças, despenham-se dos selins abaixo. De quando em quando vê-se um corcel desnorteado cruzar o campo a galope, mordendo o freio, espumando, nitrindo, arrastando pelo chão o dono exânime, preso ainda por um pé ao estribo...

Basta de matança! Os clarins deram há muito o sinal de retirada. É noite. Sobre a desolação da arena fumegante, o céu estende o seu pálio sagrado de paz. As estrelas apontam, às miríades, mais numerosas ainda que as vítimas, e parecem olhos desmedidamente abertos, mirando com pavor as ruínas da perversidade humana.

Estrelas de benção! Estrelas de bem-aventurança! Chorai lágrimas de luz sobre os mortos e os agonizantes!...

O campo é todo em trevas. O silêncio, imenso, parece ainda maior, sucedendo ao fragor medonho da guerra. Um odor de sangue e carniça ascende aos [26] astros tranquilos. Não longe, devem pairar as aves de rapina, os negros corvos famintos, aguardando a sua hora.

Negros corvos! Apressai-vos! Vinde ao festim da podridão! Vinde purificar a terra contaminada pela ferocidade dos homens!...

Lumes escassos e duvidosos vagueiam agora, rentes da terra, como os fogos fátuos dos cemitérios e dos pantanais. São as lanternas dos guardas vigilantes, que, curvados sobre montões de corpos, os vão apalpando, um

por um, a ver se entre eles ainda há alguém que respire... Também ladrões sórdidos, sinistros profanadores de cadáveres, rastejam cautelosamente, abrindo à ponta de faca as vestes dos extintos, subtraindo objetos de valor, correntes, medalhas de ouro, relógios, anéis de pedraria...

Um vulto passa rapidamente, ninguém repara nele. Ergue com a mão [27] uma lâmpada, à altura dos olhos. As abas do capote militar, em que está embuçado, flutuam ao vento. Não se detém, como os outros, a examinar os montões de corpos, que vai transpondo ou pisando desatinadamente. Dirige-se em linha reta para o sopé de uma colina próxima.

— É aqui — diz consigo — que combateu a segunda ala esquerda. Ele não apareceu até agora. Deve ter morrido...

Só então, começa a perscrutar o terreno, avançando quase de rastos como um réptil, baixando a lâmpada para o rosto dos que dormem o sono eterno, a investigar-lhes as feições.

Um gemido, que soa a poucos passos, sacode-o dos pés à cabeça, em um sobressalto agudo. O gemido soa de novo, mais doloroso ainda e mais pungente; o gemido é uma palavra: Matilde!...

O homem embuçado volta-se de repente, e caminha para o sítio, donde [28] o gemido partiu. — Matilde!... — ouve ainda uma vez. Ali, vê, sobre fardas em pedaços e mochilas desfeitas, um corpo estendido. Ajoelha-se ao seu lado e aclara com a lâmpada o semblante do ferido: é um moço, de trinta anos, talvez. A barba negra e fina enquadra-lhe as faces pálidas, pálidas de assustar. Tem um golpe de lança, donde muito sangue jorra ainda, entre as costelas; e um estilhaço de granada cortou-lhe uma perna, pouco abaixo do joelho. Entreabre os olhos, e reconhece *o outro*.

— Tu?!

— Eu!

Não são duas exclamações — são dois rugidos de feras. Havia mais ódio naquelas almas que nos milhares de homens dos exércitos combatentes. A rivalidade dos dois oficiais era sabida de todos no acampamento: ambos deliravam de amor pela mesma mulher. Ela, [29] parece, divertia-se com a luta, sem se decidir por nenhum dos dois...

Na véspera, aguardando a batalha, haviam-se desafiado, apelando para a sorte:

— O que de nós sobreviver...

Encontravam-se, por fim. Um, são e forte; o outro, ferido e exausto.

— Tu, miserável! Tu é que vais possuí-la!...

— Eu, sim! Não te jurei que Deus me protegia?

— Deus? Deus? Satanás é que te protege, infame!

— Bem, para que injúrias inúteis? *Tu vais morrer*... perdeste a partida!... Adeus! Não queres que leve a tua última palavra à *nossa* Matilde? Asseguro-te que lhe transmitirei fielmente...

— Quero, oh! Presta-me este último serviço! Eu vou morrer... Mas chega-te para junto de mim, mal posso falar!...

O rival triunfante une o ouvido aos lábios do moribundo. Mas este, sacando [30] o punhal da bainha, num supremo esforço de raiva, passa-lhe os braços ao redor do pescoço, e crava-lhe nas costas a lâmina toda.

— É este o meu recado para a *nossa* Matilde! Nem eu... nem tu!

A punhalada foi certeira; estreitamente abraçados, defuntos ambos, quedam-se para sempre, na poeira empapada de sangue.

Estrelas de benção! Estrelas de bem-aventurança! Chorai lágrimas de luz sobre os mortos e os agonizantes!

Negros corvos! Apressai-vos! Vinde ao festim da podridão! Vinde purificar a terra, contaminada pela ferocidade dos homens!...

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Preparação e revisão textual: Amanda Marinho, Ana Giulia Mussury, André Azevedo de Alvarenga, Arthur Dias Fontes, Larissa Adur, Rosane Russo E Sora Maia Souza.
Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra
Biblioteca digital de narrativas obscuras brasileiras